

AS FORÇAS ARMADAS E O “SISTEMA”

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 22.12.1981

É muito pouco provável um novo “fechamento” político no Brasil. O período ditatorial iniciado em 1964 esgotou-se, e os temores de que os militares voltem a intervir com a força não são fundados. Sempre existe essa eventualidade, mas imaginar que o chamado “sistema de informações” que domina o Governo tenha capacidade de mobilizar os militares contra a sociedade civil é não reconhecer a dinâmica dos sistemas político, nem perceber que há uma diferença fundamental entre o “sistema” e os militares.

O que o Governo e o sistema de informações têm capacidade de fazer são pacotes, casuísmos. Já fizeram o de novembro, e como a vitória eleitoral ainda está longe de ser assegurada, ameaça com novos pacotes.

A característica do pacote, entretanto, é ser uma norma geral. Essa norma pode ser um monstrengo jurídico e moral, como é o caso do pacote de novembro e do eventual “distritão”, mas é sempre uma norma geral. Em consequência, uma vez ditada à norma todos são obrigados a se adaptar a ela, inclusive o próprio partido do Governo. Trata-se, portanto, de uma coisa muito diferente de uma intervenção militar, de um golpe de Estado.

Os militares estão dispostos a aceitar esse tipo de pacote, embora muitos deles devam se senti constrangidos. É preciso lembrar que os militares respeitam os formalismos e a autoridade. Mas nada indica que estejam dispostos a se envolver em uma intervenção militar que não tem o respaldo da sociedade.

As declarações do próprio presidente, quando jura que vai fazer deste país uma democracia, não são irrelevantes. Nem são falsas. Apenas a concepção do presidente de democracia é algo sui generis. Mas é claro que em suas palavras existe em compromisso de não intervenção se as oposições afinal e apesar de tudo forem vitoriosas nas eleições.

Mas que foi absolutamente claro a respeito do assunto foi o Ministro da Marinha, Almirante Maximiano da Fonseca, em seu discurso da última semana no Clube do Exército. Disse ele: “as Forças Armadas estão preocupadas exclusivamente com suas atividades-fins, e não vão ser protagonistas de nenhum fechamento político no país”.

Observe-se que esta não é uma vaga afirmação a favor da democracia, que todos são capazes de fazer. É uma declaração precisa, objetiva, que indica que as Forças Armadas não se confundem com o Governo ou com o sistema nem pretendem sustentá-lo a qualquer preço. É uma afirmação que confirma inúmeras declarações anteriores de militares a favor da democracia, mas que dá um passo adiante: não haverá fechamento político patrocinado pelas Forças Armadas.

Nestes termos é preciso prosseguir com o jogo político. Contra os casuísmos do Governo a oposição tem armas legítimas. A principal delas é a união do PMDB e do PP, já decidida. Mas existem outras. Principalmente o trabalho junto a toda a sociedade para mostrar-lhe que a oposição é uma alternativa viável e legítima de poder. Este trabalho está sendo realizado.

As Forças Armadas são uma instituição permanente dentro da sociedade brasileira. O “sistema” é uma colisão de interesses civis e militares que já esgotou seu papel histórico e agora limita-se a tentar adiar sua dissolução. São dois fenômenos intrinsecamente diferentes.(22/12)